

O cardeal MARC OUELLET dirige-se a D. CARLO MARIA VIGANÒ, afirmando que as suas acusações são uma montagem política desprovida de uma base real. Tudo isso não pode ter origem no Espírito de Deus. Daí o apelo: saia da sua clandestinidade, arrependa-se da sua revolta, e volte a ter sentimentos melhores em relação ao papa.



Carta aberta do cardeal Ouellet
sobre as recentes acusações
contra a Santa Sé

A Sala de Imprensa do Vaticano publicou no domingo dia 07-10-2018, uma carta aberta do cardeal Ouellet, prefeito da Congregação para os Bispos, sobre as recentes acusações contra a Santa Sé:

Caro coirmão Carlo Maria Viganò,

Na sua última mensagem aos meios de comunicação, em que denuncia o papa Francisco e a Cúria Romana, exorta-me a dizer a verdade sobre os factos que interpreta como uma corrupção endémica que invadiu a hierarquia da Igreja até ao seu mais alto nível.

Com a devida permissão pontifícia, apresento-lhe, aqui, o meu testemunho pessoal, como prefeito da Congregação para os Bispos, sobre os acontecimentos referentes ao arcebispo emérito de Washington, Theodore McCarrick, e sobre as suas supostas ligações com o papa Francisco, que são objeto da sua surpreendente denúncia pública, assim como da sua pretensão de que o Santo Padre renuncie.

Escrevo este testemunho com base nos meus contatos pessoais e nos documentos dos arquivos da mencionada Congregação, que atualmente são objeto de um estudo para esclarecimento deste triste caso.

Permita-me dizer, acima de tudo, com toda a sinceridade, em virtude da boa relação de colaboração que existiu entre nós, aquando da sua estada como núncio em Washington, que a sua atual posição me parece incompreensível e extremamente reprovável, não apenas por causa da confusão que semeia no povo de Deus, mas porque as suas acusações

públicas ferem, gravemente, a fama dos sucessores dos Apóstolos.

Recordo que antigamente gozei da sua estima e da sua confiança, mas constato que perdi, a seus olhos, a dignidade que me reconhecia, pelo simples fato de ter permanecido fiel às orientações do Santo Padre, no serviço que me confiou na Igreja. Não será porventura a comunhão com o sucessor de Pedro, a expressão da nossa obediência a Cristo que o escolheu e o sustenta com a Sua graça?

A minha interpretação da Amoris laetitia, que o senhor lamenta, inscreve-se nessa fidelidade à tradição viva, da qual Francisco nos deu um exemplo com a recente modificação do Catecismo da Igreja Católica sobre a questão da pena de morte.

Vamos aos factos. Afirma ter informado o papa Francisco, no dia 23 de junho de 2013, sobre o caso McCarrick, na audiência que lhe concedeu, assim como a muitos outros representantes pontifícios, com os quais se encontrou pela primeira vez naquele dia. Imagino a enorme quantidade de informações verbais e escritas que o papa teve que recolher naquela ocasião sobre muitas pessoas e situações. Duvido muito que McCarrick o tenha interessado tanto quanto pretende que acreditemos, já que se tratava de um arcebispo emérito de oitenta e

dois anos e sem cargos há já sete anos. Além disso, as instruções escritas, preparadas para si pela Congregação para os Bispos, no início do seu serviço em 2011, nada diziam sobre McCarrick, exceto aquilo que eu lhe disse, pessoalmente, sobre a sua situação como bispo emérito, que devia obedecer a certas condições e restrições, por causa dos rumores em torno do seu comportamento no passado.

A partir do dia 30 de junho de 2010, desde que sou prefeito desta Congregação, nunca abordei o caso McCarrick numa audiência com o papa Bento XVI ou com o papa Francisco, exceto nestes últimos dias, após a sua saída do Colégio dos Cardeais. O ex-cardeal, tendo-se aposentado em maio de 2006, tinha sido veementemente exortado a não viajar e a não aparecer em público, a fim de não provocar outros rumores a seu respeito. É falso apresentar as medidas tomadas contra ele como “sanções” decretadas pelo papa Bento XVI e anuladas pelo papa Francisco.

Após a reanálise dos arquivos, constato que não há documentos a esse respeito assinados por nenhum dos dois papas, nem nenhuma nota da audiência do meu antecessor, o cardeal Giovanni Battista Re, que se possa interpretar como uma ordem obrigatória para o arcebispo emérito McCarrick se confinar ao silêncio e à vida privada, com o rigor das penas canónicas. E o motivo é o seguinte: naquela altura, ao contrário de hoje, não se dispunha de provas suficientes sobre a sua suposta culpabilidade.

Daí a posição da Congregação, inspirada na prudência e nas cartas do meu antecessor e minhas reiterando, através do nuncio apostólico Pietro Sambi e, depois, também, por seu intermédio, o apelo a um estilo de vida discreto de oração e penitência, para o próprio bem do arcebispo e para o bem da Igreja.

O seu caso teria sido objeto de novas medidas disciplinares se a nunciatura, em Washington, ou qualquer outra fonte, nos tivessem fornecido informações recentes e decisivas sobre o comportamento de McCarrick. Espero, como muitas outras pessoas, que, por respeito às vítimas e às exigências de justiça, a investigação em andamento nos Estados Unidos e na Cúria Romana nos ofereça, finalmente, uma visão crítica abrangente dos procedimentos e das circunstâncias deste doloroso caso, para que tais factos não se repitam no futuro.

Como é possível que este homem da Igreja, do qual se conhece, hoje, a incoerência, tenha sido promovido em várias ocasiões, até ser investido das mais altas funções como arcebispo de Washington e como cardeal? Eu mesmo estou muito impressionado com isso, e reconheço ter havido falhas no procedimento de seleção que foi realizado no seu caso. Mas, sem entrar em detalhes aqui, é preciso compreender que as decisões tomadas pelo Sumo Pontífice se apoiam em informações das quais se dispunha naquele preciso momento, e que são objeto de um juízo prudencial que não é infalível.

Parece-me injusto concluir que as pessoas encarregadas pelo discernimento prévio são corruptas, mesmo que, no caso concreto, alguns indícios fornecidos por testemunhas devessem ter sido mais bem examinados. O prelado em questão soube defender-se com grande habilidade das dúvidas levantadas sobre ele.

Por outro lado, o facto de poder haver, no Vaticano, pessoas que pratiquem e sustentem comportamentos contrários aos valores do Evangelho em matéria de sexualidade, não nos autoriza a generalizar e a declarar como indigno e cúmplice este ou aquele, e até mesmo o próprio Santo Padre. E acima de tudo, não será absolutamente necessário que os ministros da verdade se resguardem da calúnia e da difamação?

Caro Representante Pontifício emérito, digo-lhe, francamente, que **acusar o papa Francisco de ter encoberto, com pleno conhecimento de causa, este suposto predador sexual** e de ser, portanto, cúmplice da corrupção que grassa na Igreja, a ponto de considerá-lo indigno de continuar a sua reforma como primeiro pastor da Igreja, me parece incrível e inverosímil, sob todos os pontos de vista.

Não consigo compreender como pôde deixar-se convencer desta acusação monstruosa que não tem base sustentável. Francisco não teve nada a ver com as promoções de McCarrick em Nova York, Metuchen,

Newark e Washington. Destituí-o da sua dignidade de cardeal quando se tornou evidente uma acusação credível de abuso de menores.

Nunca ouvi o papa Francisco aludir a esse chamado grande conselheiro do seu pontificado para as nomeações nos Estados Unidos, embora ele não esconda a confiança que deposita nalguns prelados. Intuo que estes não sejam da sua preferência, nem da dos amigos que apoiam a sua interpretação dos factos. Mas acho aberrante que se aproveite do escândalo clamoroso dos abusos sexuais nos Estados Unidos, para atacar a autoridade moral do seu superior, o Sumo Pontífice, um golpe inédito e imerecido.

Tenho o privilégio de ter longos encontros com o papa Francisco todas as semanas, para tratar das nomeações dos bispos e dos problemas que afetam o seu governo. Sei muito bem como ele trata as pessoas e os problemas: com muita caridade, misericórdia, atenção e seriedade, como você mesmo já teve ocasião de experimentar.

Ler como conclui a sua última mensagem, aparentemente muito espiritual, ironizando e lançando dúvidas sobre a fé do papa, pareceu-me, realmente, sarcástico demais, até mesmo blasfemo! Isso não pode ter origem no Espírito de Deus.

Caro coirmão, gostaria, realmente, de o ajudar a redescobrir a comunhão com aquele que é o garante visível da comunhão da Igreja Católica. Entendo como as

amarguras e as decepções marcaram o seu caminho ao serviço da Santa Sé, mas não pode concluir, deste modo, a sua vida sacerdotal, em rebelião aberta e escandalosa, infligindo uma ferida muito dolorosa na Esposa de Cristo, que você pretende servir melhor, agravando a divisão e a perplexidade no povo de Deus!

Que poderei eu responder à sua pergunta, a não ser dizer-lhe: saia da clandestinidade, arrependa-se da sua revolta e volte a ter os melhores sentimentos pelo Santo Padre, em vez de exacerbar a hostilidade contra ele. Como pode você celebrar a Santa Eucaristia e evocar o nome do papa no cânone da missa? Como pode rezar o santo Rosário, a São Miguel Arcanjo e à Mãe de Deus, condenando aquele que Ele protege e acompanha todos os dias no seu pesado e corajoso ministério?

Se o papa não fosse um homem de oração, se estivesse apegado ao dinheiro, se favorecesse os ricos à custa dos pobres, se não demonstrasse uma incansável energia para acolher todos os miseráveis e dar-lhes o generoso conforto da sua palavra e dos seus gestos, se não multiplicasse todos os meios possíveis para anunciar e comunicar a alegria do Evangelho a todos e a todas, na Igreja, e para além das suas fronteiras visíveis, se não estendesse a mão às famílias, aos idosos abandonados, aos doentes na

alma e no corpo, e, acima de tudo, aos jovens em busca de felicidade, poder-se-ia, talvez, preferi-lo a outra pessoa que, em sua opinião, revelasse atitudes diplomáticas ou políticas diferentes, mas eu, que tive ocasião de o conhecer bem, não posso questionar a sua integridade pessoal, a sua consagração à missão e, sobretudo, o carisma e a paz que o habitam pela graça de Deus e pelo poder do Ressuscitado.



Concluo portanto, caro Viganò, em resposta ao seu ataque injusto e injustificado nos factos, que a sua acusação é uma montagem política

desprovida de uma base real que possa incriminar o papa, e reitero que ela fere profundamente a comunhão da Igreja.

Queira Deus que esta injustiça seja, rapidamente, reparada, e que o Papa Francisco continue sendo reconhecido por aquilo que é: um pastor insigne, um pai compassivo e firme, um carisma profético para a Igreja e para o mundo. Que ele continue com alegria e plena confiança a sua reforma missionária, confortado pela oração do povo de Deus e pela solidariedade renovada de toda a Igreja, em união com Maria, Rainha do Santo Rosário.

Marc Cardeal Ouellet.

Prefeito da Congregação para os Bispos,
Festa de Nossa Senhora do Santo Rosário, 7 de outubro de 2018



«Deus escreve direito por linhas tortas»

Carta de González Faus
ao ex N ncio Vigan 

IRMÃO NO SENHOR: trato-o assim porque o meu computador espiritual não me tolera palavras como Eminência ou Príncipe da Igreja; sublinha-mas a vermelho e, quando lhe solicito uma alternativa, apresenta-me outras na linha da fraternidade, do serviço...

Em qualquer dos casos, trata-se duma carta de agradecimento. Concretamente, para lhe agradecer as críticas feitas ao papa Francisco. Agradeço-lhas, embora não concorde com elas.

Agradeço-lhe pela seguinte razão: houve, durante muito tempo, muitos cristãos, leigos, religiosos e presbíteros que sentiram necessidade de erguer a sua voz criticando a Igreja. A maioria agia com a melhor das boas vontades de ser útil à Igreja. Foram, porém, acusados de falta de amor   sua mãe, de pretenderem criar “uma igreja paralela”, de andarem em busca de protagonismo...

Em contrapartida, você afirma, claramente, que as suas duras críticas a Francisco são inspiradas, apenas, por um grande amor à Igreja, e fruto de um desejo de a ajudar a melhorar. Acredito que sim. Mas compreender , também, que as nossas pequenas virtudes ou boas intenções não são, exclusivamente, nossas. **Temos, pois, que admitir que também aqueles críticos, ou pelo menos muitos deles, agiram tendo em vista o maior bem da Igreja,** e procurando evitar a dura recriminação paulina: “  por vossa culpa que o nome de Deus   blasfemado entre as gentes”.

Conheço alguém que recebeu um puxão de orelhas sagrado, por ter dito que a c ria romana gerou mais ateus do que Marx, Freud e Nietzsche juntos. Não estava a atacar ninguém em concreto, mas um organismo que

tantas vezes, e de há muitos séculos a esta parte, se tem reconhecido como muito necessitado de reforma.

Você, pelo contrário, com este seu procedimento, **devolveu à Igreja aquela liberdade de opinião que já Pio XII, em 1950, declarou ser absolutamente necessária à Igreja**, acrescentando que se ela faltasse isso seria sintoma de uma Igreja doente, doença de que seriam responsáveis não o povo, mas os seus pastores.

Deve conhecer, com certeza, o corajoso artigo de J. Ratzinger “liberdade de espírito e obediência” em *O novo povo de Deus*, que é um dos seus melhores livros. Ali afirma que aquilo de que necessita a Igreja de hoje não é de aduladores, mas de pessoas capazes de arriscar a sua carreira por seu amor. Deixe-me dizer, pois, parodiando um aforismo do meu país, que, às vezes, “Deus escreve direito por linhas tortas”.

É evidente que a liberdade de expressão tem os seus limites, e nunca deve ir até à falta de respeito pelas pessoas. É por isso que a única coisa que censuro nas suas palavras contra Francisco, não são as críticas (das quais, repito, eu discordo), mas sim a falta de respeito pessoal, ao pedir a sua demissão em público. Aí creio que ultrapassou os limites.

Se, como alguns dizem, você acabou por ser vítima de outros poderes económicos norte-americanos que aquilo que não toleram neste papa, não é uma sua suposta debilidade face à pederastia, mas antes, a sua doutrina económica, isso não posso ajuizar. A si cabe examinar a questão.

E posto isto, há que concluir que estamos, ao mesmo tempo, muito afastados e muito próximos um do outro. Que o Espírito do Senhor nos faça compreender a todos que, embora “seja saudável haver dissidências” (1 Cor 11,19), apesar de tudo, “Cristo não está dividido” (1 Cor 1,13).



J. I. González Faus, sj. Teólogo

<http://blogs.periodistadigital.com/miradas-cristianas.php/2018/10/07/carta-al-ex-nuncio-vigano>



«os javalis
entraram na vinha
do Senhor»,

queixava-se, com razão, o papa emérito Bento XVI.

[...]

A final, o que se passa? Há um Papa [Bento XVI] debilitado (tem 85 anos), amargurado, que talvez nem sequer imaginasse o que vai pela Cúria e cujos interesses são de outra ordem que não propriamente a administração, pois o que o preocupa é a fé e a sua inteligência. Depois, está instalado o carreirismo eclesiástico, que tantas vezes denunciou. E, agora, os especialistas em vaticanologia vão chamando a atenção para os rancores entre cardeais e, sobretudo, para as lutas e intrigas de poder, já que a sucessão papal está para breve.

[...]

Jesus foi tentado três vezes, e as três tentações estão referidas ao poder: poder económico, poder político, poder religioso. O poder religioso é o que oferece mais perigos. Por isso, foi dizendo: *Sabeis que os governantes das nações as dominam e os grandes as tiranizam. Entre vós não deverá ser assim. Ao contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós seja aquele que serve e o que quiser ser o primeiro seja o vosso servo. Eu não vim para ser servido, mas para servir.*

O cancro da Igreja é mesmo a Cúria Romana. Sem a sua reforma urgente e radical (mas ela será reformável?), que tem de começar pela transparência económico-financeira, a Igreja Católica assistirá a uma descredibilização crescente. Quando, no meio de uma crise global e sem fim à vista, seria mais necessária do que nunca uma palavra moral limpa por parte da Igreja, ela afunda-se em escândalos. “**Os javalis entraram na vinha do Senhor**”, queixa-se, com razão, o Papa Bento XVI. Chegou-se a este paradoxo: a última monarquia absoluta do Ocidente parece sentir-se impotente para pôr ordem na sua casa.

Pe. Anselmo Borges

In *Os Javalis na vinha do Senhor*. Diário de Notícias, 02/06/2012